

- **Introdução.**

Embora Mateus, Marcos e Lucas concordem perfeitamente sobre a data judaica da morte de Jesus, posicionando-a no dia 15 do primeiro mês, a maior parte dos teólogos da Cristandade tem defendido outra data, a saber, o dia 14 de Nisan, para o evento da crucifixão. À primeira vista, essa divergência pode parecer de pouca importância; não obstante, ela é capaz de alterar todo o quadro profético. Ocorre que o ano 31 tem dificuldades para comportar uma Sexta-feira 14, mas admite com facilidade uma Sexta-feira 15. Por outro lado, o ano 30 não comporta, de maneira alguma, uma Sexta-feira 15, permitindo, no entanto, uma Sexta-feira 14. Sendo, pois, que a data da morte de Cristo repercute tão decisivamente sobre o cômputo dos períodos proféticos, faz-se necessário aprofundar a investigação no sentido de descobrir que opção (se 14 ou 15 de Nisan) melhor se harmoniza com o conjunto das informações bíblicas.

- **Testemunho dos Sinóticos.**

A Bíblia afirma que **“por boca de duas ou três testemunhas toda questão será decidida”** 2 Coríntios 13:1. Ver Deuteronômio 17:6; 19:15; Mateus 18:16; João 8:17; 1 Timóteo 5:19; e Hebreus 10:28. No que tange ao tempo da morte do Salvador, os registros de Mateus, Marcos e Lucas não deixam margens para dúvidas: Jesus realmente morreu no dia 15 de Nisan.

Ao identificar o dia em que os discípulos interpelaram Jesus acerca do lugar em que celebrariam a ceia pascal, o evangelista Mateus assim se expressa: **“No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, vieram os discípulos a Jesus e Lhe perguntaram: Onde queres que Te façamos os preparativos para comeres a Páscoa?”** Mateus 26:17. Esse foi, com certeza, o dia 14 de Nisan, pois era nele que se faziam os preparativos para a celebração da ceia, a qual só ocorria depois do pôr-do-sol, isto é, já nas horas do dia 15 (Êxodo 12:8 e 42; e Mateus 26:20). Na manhã seguinte, Jesus foi crucificado, vindo a falecer por volta das 3 horas da tarde (Mateus 26:30, 47 e 57; e 27:1, 2, 26, 31, 33, 35, 45 e 50).

Marcos é ainda mais enfático que Mateus, ao declarar que os discípulos questionaram o Mestre no próprio dia em que o cordeiro pascal era imolado: **“E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal, disseram-Lhe Seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?”** Marcos 14:12. O texto é tão claro que exige poucos comentários. Moisés havia prescrito: **“Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano... Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa**

Em Que Dia Jesus Morreu?

dos pais, um cordeiro para cada família... e o guardareis até ao décimo-quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde.” Êxodo 12:2-6. O cordeiro pascal era sacrificado na tarde do dia 14 de Nisan; portanto, foi nesse dia que os discípulos prepararam a última ceia. Depois do pôr-do-sol, eles se assentaram para comer (Marcos 14:17). Naquela mesma noite, Jesus foi preso no horto de Getsêmani e levado para ser julgado e morto (Marcos 14:32, 43 e 53; e 15:1, 15, 20, 25, 33 e 37). Tal seqüência assegura que a morte de Jesus só poderia ter ocorrido no dia 15 de Nisan.

O Evangelho de Lucas também confirma essa idéia: “Chegou o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava comemorar a Páscoa.” Lucas 22:7. A expressão genérica “comemorar a Páscoa”, que aparece na Versão Almeida Revista e Atualizada, é tradução da locução grega **θύεσθαι τὸ πάσχα** (thuesthai to pascha) e significa literalmente “sacrificar a Páscoa”. O vocábulo “pascha”, nesse caso, seria uma alusão ao próprio cordeiro pascal. Portanto, os discípulos prepararam a ceia no tempo exato que a Lei Mosaica reservava para esse procedimento, o décimo-quarto dia do primeiro mês. A ceia foi celebrada depois do pôr-do-sol, o que coloca a crucifixão de Cristo no décimo-quinto dia do mesmo mês (Lucas 22:14, 39, 47, 54 e 66; e 23:1, 7, 11, 24, 25, 33, 44 e 46).

Vale ressaltar ainda o vigor com que Lucas identifica o dia em que a ceia pascal foi preparada. Segundo ele, os discípulos questionaram o Mestre no dia “em que importava comemorar a Páscoa”. O verbo “importava” é tradução do vocábulo grego **δει** (dei), que significa literalmente “obrigatório por força de lei”, “imperativo”. Destarte, a atitude dos discípulos foi determinada pelo que estava estipulado na Lei Judaica e não por qualquer outro motivo. Isso coloca um selo de garantia sobre a equação Sexta-feira = 15 de Nisan, para o ano da morte de Jesus.

- **A Tipologia das Festas Judaicas.**

O testemunho dos Sinóticos referente à data judaica da morte de Jesus é confirmado por uma análise pormenorizada da tipologia das festas de Israel. Embora essas festas tivessem o propósito de relembrar aos judeus fatos memoráveis de seu passado ou aspectos importantes do ciclo agrícola anual, visavam também a um fim profético. O apóstolo Paulo, por exemplo, fala de Cristo como “nosso Cordeiro pascal” (1 Coríntios 5:7) e como “as primícias dos que dormem” (1 Coríntios 15:20), alusões inconfundíveis às festividades da Páscoa e dos Pães Ázimos, no primeiro caso, e à Festa das Primícias, no segundo. Assim, cada festa tinha um significado tipológico especial.

Em Que Dia Jesus Morreu?

O mais surpreendente é descobrir que os acontecimentos tipificados por essas festividades se cumpriram não somente quanto ao modo de sua celebração, mas também quanto ao tempo. Esse fator é extremamente relevante, pois serve de valioso auxílio para a determinação do dia da morte do Salvador.

1) Analisando 1 Coríntios 5:7 e 8.

A passagem de 1 Coríntios 5:7 é freqüentemente citada em prol da posição que coloca a morte de Cristo no dia 14 do primeiro mês. Os proponentes dessa interpretação traçam a simples equação: o cordeiro pascal tipificava Cristo; o sacrifício do cordeiro pascal ocorria no dia 14 de Nisan; portanto, Cristo foi crucificado numa Sexta-feira, 14 de Nisan. Ocorre, no entanto, que esse suposto silogismo profético não leva em consideração o contexto da passagem paulina, bem como outros detalhes da tipologia das festas.

O texto bíblico destaca, pelo menos, 2 momentos importantes em relação ao cordeiro pascal: 1) o sacrifício, na tarde do dia 14 (Êxodo 12:5 e 6); e 2) a ceia, na noite que inicia o dia 15 (Êxodo 12:7 e 8). Isso demonstra que a figura do cordeiro pascal, no aludido texto paulino, não precisa estar vinculada, necessariamente, à tarde do dia 14; o paralelismo profético poderia ser com a noite do dia 15. O contexto deve determinar o sentido da referência:

“Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.” 1 Coríntios 5:7 e 8. Conforme Levítico 23:5 e 6, a Festa dos Pães Ázimos só começava no dia 15: **“No mês primeiro, aos catorze do mês, no crepúsculo da tarde, é a Páscoa do SENHOR. E aos quinze dias deste mês é a Festa dos Pães Asmos do SENHOR; sete dias comereis pães asmos.”**. Isso revela que Paulo não estava pensando em Cristo como Cordeiro Pascal num contexto de dia 14, quando o sacrifício era realizado, mas num contexto de dia 15, em cuja noite o cordeiro era comido, com pães asmos e ervas amargas.

1 Coríntios 11:23-27 revela, com clareza, o momento em que Cristo assume a posição profética do Cordeiro Pascal: **“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o Meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no Meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de Mim.”**. Páscoa é para ser comida. Nenhum sentido faria o mero sacrifício do cordeiro se ele não fosse servido numa refeição, como símbolo do concerto de Deus com Seu povo. Jesus é o Cordeiro Pascal enquanto está oferecendo Sua carne e Seu sangue para Seus discípulos. Destarte, a equação que deve ser entendida do texto em comento não é a de **“morte de Cristo (Sexta-feira) =**

Em Que Dia Jesus Morreu?

sacrifício do Cordeiro (tarde do dia 14 de Nisan)” e, sim, a de “Cristo instituindo a Santa Ceia (noite de Quinta-feira, pelo cálculo civil) = Ceia Pascal (noite do dia 15 de Nisan)”.

Para o apóstolo Paulo, enquanto Cristo agonizava na Cruz do Calvário, Sua posição não era a de Cordeiro, mas a de Maldito: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se Ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro).” Gálatas 3:13.

Ademais, se a morte de Cristo tivesse que ocorrer na tarde do dia 14 pelo simples fato de ser Ele o antitípico Cordeiro Pascal, por que não teria que ocorrer também, por exemplo, no Dia da Expição (décimo dia do sétimo mês)? Não era o “bode para o Senhor” igualmente um símbolo de Cristo? E por que estaria a morte de Jesus vinculada apenas ao sacrifício da tarde? Não havia também o sacrifício da manhã? Essas considerações revelam a inexistência de relação tipológica entre o dia em que o cordeiro pascal era sacrificado (14 de Nisan) e o dia da morte de Jesus.

Por outro lado, o 15 de Nisan se encaixa perfeitamente com o quadro tipológico retratado pelas Escrituras. Foi nessa data que a escravidão no Egito chegou ao fim: “Partiram, pois, de Ramessés no décimo-quinto dia do primeiro mês; no dia seguinte ao da páscoa saíram os filhos de Israel corajosamente aos olhos de todos os egípcios”. Números 33:3. Essa data pode ser considerada como o dia da libertação. Haveria outra ocasião mais apropriada para a morte do Salvador? Não trouxe Cristo libertação do cativo do pecado ao render a Sua vida na Cruz do Calvário? Sim, e por isso “digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.” “Àquele que nos ama, e, pelo Seu sangue, nos libertou dos nossos pecados... a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” Apocalipse 5:12; e 1:5 e 6.

2) Ferindo o Primogênito de Deus.

O paralelismo profético existente entre a experiência de Cristo no Getsêmani e a morte dos primogênitos do Egito provê outra forte evidência em favor do dia 15 de Nisan para a data da crucifixão. Após comemorar a Páscoa com os discípulos (Mateus 26:30 e Marcos 14:26), fez Jesus a advertência: “Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o Pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas.” Mateus 26:31. O anúncio de Cristo estava baseado na profecia de Zacarias 13:7: “Desperta, ó espada, contra o Meu Pastor e contra o Homem que é o Meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o Pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos.”. Em Zacarias 12:10, o “Pastor que é ferido” aparece sob a figura do “Primogênito que é traspassado”: “E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para Aquele a Quem traspassaram; pranteá-LO-ão como quem pranteia por um

Em Que Dia Jesus Morreu?

unigênito e chorarão por Ele como se chora amargamente pelo primogênito”. Portanto, **“ferir o Pastor”** equivale a ferir o Primogênito de Deus.

“Aconteceu que, à meia-noite, feriu o SENHOR todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no seu trono, até ao primogênito do cativo que estava na enxovia, e todos os primogênitos dos animais.” Êxodo 12:29. A profecia de Zacarias 13:7 toma esse acontecimento como um tipo da experiência pela qual Cristo teria que passar: na posição do Primogênito de Deus (Hebreus 1:6), Jesus seria ferido em lugar dos primogênitos deste mundo. É por esse motivo que o profeta Isaías fala dEle como o **“ferido de Deus”** (Isaías 53:4).

Para melhor entendimento, seria importante atentar para a seqüência indicada pelo profeta: **“Fere o Pastor, e as ovelhas ficarão dispersas”**. Primeiro, o Pastor seria ferido; depois, as ovelhas ficariam dispersas. Isso não pode ser aplicado ao momento da Cruz, quando os discípulos já se encontravam dispersos e perturbados, e Pedro já havia negado a Seu Mestre. Na verdade, Jesus fora ferido no horto de Getsêmani, quando os pecados de toda a humanidade foram misteriosamente postos sobre Ele, obstruindo completamente Sua ligação com Deus. Tãmanha foi a angústia mental suportada pelo Salvador que **“Seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra”** (Lucas 22:44). Pouco depois, naquela mesma noite, Jesus foi aprisionado. Foi, **“então”,** que **“os discípulos todos, deixando-O, fugiram.”** Mateus 26:56.

Esse paralelismo é deveras importante, pois, se a morte dos primogênitos ocorreu na noite em que os israelitas celebraram a Páscoa – noite do dia 15 de Nisan – a misteriosa experiência de Cristo no Getsêmani também teria que acontecer no mesmo dia e mês, o que constitui um valioso argumento em prol da cronologia dos Sinóticos.

3) A Entrada Triunfal.

Ensina a tradição cristã que a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém ocorreu no primeiro dia da semana. Uma análise criteriosa dos textos neotestamentários sobre os eventos da última semana de vida do Salvador confirma essa posição. Se, como propõe esta série de estudos, Jesus foi crucificado numa Sexta-feira = 15 de Nisan, a entrada triunfal de Jesus ganha profundo significado antitípico, pois, nesse caso, aquele Domingo teria sido o décimo dia do primeiro mês.

DOM 10	SEG 11	TER 12	QUA 13	QUI 14	SEX 15
-------------------------	-------------------------	-------------------------	-------------------------	-------------------------	-------------------------

Consoante a Lei Mosaica, **“aos dez deste mês, cada um”** deveria tomar **“para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família”**, o qual deveria ser guardado até o dia

Em Que Dia Jesus Morreu?

14, quando, então, seria sacrificado. Ver Êxodo 12:2-6. O simbolismo é perfeito. Noutras ocasiões, Jesus recusara fazer qualquer aparição pública em Jerusalém; nas vezes em que Se dirigiu até lá, manteve-Se em oculto. Dizia sempre que Seu tempo ainda não havia chegado. Ver, por exemplo, João 7:3-10. Entretanto, “aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia Ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (Lucas 9:51). Nessa ocasião, Jesus permitiu que os discípulos O aclamassem como o Enviado de Deus, o que resultou nas vigorosas manifestações de triunfo às portas de Jerusalém. Foi através desse acontecimento que Ele Se colocou à parte como oblação, identificando-Se como o verdadeiro sacrifício da Festividade que, dentro de alguns dias, seria realizada.

Fixar a morte de Cristo no dia 14 do primeiro mês faria daquele Domingo o dia 9 de Nisan, de nenhuma relevância no calendário cerimonial, transtornando, assim, toda a simbologia.

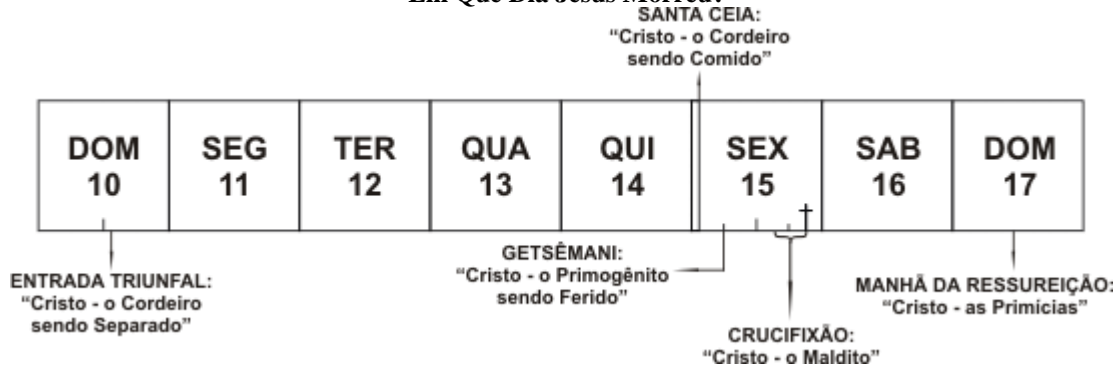
DOM 9	SEG 10	TER 11	QUA 12	QUI 13	SEX 14
----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

4) A Festa das Primícias.

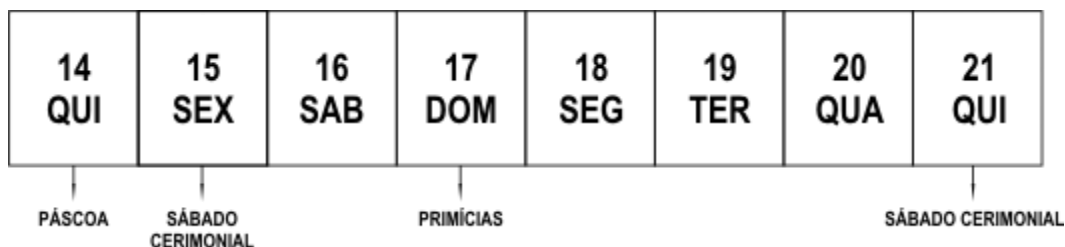
Como já ficou evidente, para cada momento importante de Sua missão, Jesus assumia um papel profético peculiar: na entrada triunfal, Ele era o “Cordeiro sendo separado”; na refeição pascal, Ele era o “Cordeiro sendo comido”; um pouco mais tarde, no Olivete, Ele era o “Primogênito/Pastor sendo traspassado/ferido”; enquanto pendia na Cruz, Ele era o “Maldito”; e, agora, na manhã da ressurreição, Ele é chamado de “as primícias dos que dormem” (1 Coríntios 15:20).

Antes que a colheita pudesse ter início, comemorava-se a Festa das Primícias, quando um pequeno feixe, constituído dos primeiros grãos amadurecidos da seara, era agitado pelo sacerdote perante o altar. Cristo explicou que “o campo é o mundo”, que “a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são anjos” (Mateus 13:36-43). Nessa perspectiva, a colheita pode ser encarada como o arrebatamento dos fiéis por ocasião do segundo advento de Cristo. Ver também Apocalipse 14:14-16. A Bíblia diz também que “os vossos mortos... viverão e ressuscitarão” (Isaías 26:19); dessa ressurreição geral, a ressurreição de Cristo foi, ao mesmo tempo, um tipo e um penhor. Ensina o apóstolo Paulo: “Cada um, porém, na sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na Sua vinda.” (1 Coríntios 15:23).

Em Que Dia Jesus Morreu?



A Lei de Moisés prescrevia que os primeiros frutos deviam ser apresentados no Templo, “no dia imediato ao Sábado” (Levítico 23:12). A despeito de os defensores da equação 14 de Nisan = morte de Jesus alegarem ser esse Sábado o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos, fazendo do Domingo da ressurreição o dia 16 de Nisan, as evidências demonstram ser ele um Sábado semanal. A regra funcionava do seguinte modo: as Primícias eram sempre apresentadas no Domingo da semana dos Pães Ázimos, não importando em que data do mês tal dia caísse (Ver quadro abaixo). Isso concorda perfeitamente com o evento antitípico da ressurreição de Jesus, que, segundo os evangelistas, aconteceu no primeiro dia da semana, dentro do período em que os judeus estavam comemorando a Festa dos Pães Ázimos.



- “Não Vim para Revogar, Vim para Cumprir”.

Diante da clareza do testemunho dos Sinóticos, os defensores do 14 de Nisan precisam forjar uma explicação para a ceia pascal celebrada por Jesus e Seus discípulos na noite de Quinta-feira. Para tanto, alegam que Cristo teria antecipado a celebração da Páscoa, pois já antevia Sua morte na tarde do dia seguinte, quando, segundo os mesmos teólogos, os judeus ainda estariam sacrificando o cordeiro pascal. Assim, ao passo que os judeus celebraram sua Páscoa na noite de Sexta-feira (primeiras horas do Sábado, pelo cálculo bíblico), Cristo e os apóstolos a teriam celebrado cerca de 24 horas antes, na noite de 13 para 14 de Nisan.

Esse, contudo, de modo algum pode ser o caso, pois Cristo mesmo afirmou: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se

Em Que Dia Jesus Morreu?

cumpra.” Mateus 5:17 e 18. Se houvesse antecipado a celebração da Páscoa, a submissão de Jesus à Lei não poderia ser considerada perfeita em todos os sentidos.

Outrossim, a Bíblia testifica de que **“todo homem que se deixa circuncidar está obrigado a guardar toda a lei”** (Gálatas 5:3). Jesus foi circuncidado (Lucas 2:21); portanto, estava ligado à Lei, tanto a moral quanto a cerimonial. Paulo afirma que Ele havia **“nascido sob a lei”** (Gálatas 4:4). Durante toda a Sua vida, esteve à altura de todas as reivindicações da Lei (João 8:46; 15:10; e Hebreus 4:15). Dessa forma, não estava na liberdade de antecipar a comemoração de qualquer festividade prescrita pela Legislação Mosaica. E que Ele não o fez, está claro de Seu próprio testemunho, ao declarar aos discípulos: **“Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, antes do Meu sofrimento.”** Lucas 22:15. Essa passagem situa a ceia pascal antes do sofrimento do Salvador. Uma Sexta-feira, 14 de Nisan, não se harmoniza com essa informação.

- **O Evangelho de João e o 14 de Nisan.**

Aparentemente, o Evangelho de João destoa dos Sinóticos com respeito à cronologia dos eventos finais da vida de Jesus, deixando a impressão de que a crucifixão realmente teria ocorrido no dia 14 de Nisan. Conforme seu relato, Jesus foi conduzido, na manhã de Sexta-feira, da casa de Caifás para o pretório; porém os judeus não quiseram entrar no prédio romano **“para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa”** (João 18:28). Essa precaução dos judeus seria uma evidência de que a celebração da Páscoa só teria vindo a acontecer após o pôr-do-sol de Sexta-feira, o que se contrapõe ao relato dos Sinóticos, que situam a ceia pascal na noite de Quinta-feira. Além disso, João denomina a Sexta-feira da semana da crucifixão de **“preparação pascal”** (João 19:14). Como os preparativos para a comemoração da Páscoa eram realizados no dia 14, essa declaração faria daquela Sexta-feira o dia em que o cordeiro devia ser sacrificado. Por fim, o dia em que Jesus permaneceu no sepulcro é chamado de **“Sábado grande”** (João 19:31). Para muitos comentaristas, isso se explica pelo fato de que, no ano da morte de Jesus, o dia 15 de Nisan (Sábado cerimonial) teria coincido com um Sábado semanal. A conjugação de 2 sábados de naturezas diferentes teria tornado aquela ocasião especialmente solene.

Sendo que tais informações discordam dos relatos de Mateus, Marcos e Lucas, como interpretar os dados cronológicos do Evangelho de João?

- **Analisando a Cronologia de João.**

A bem da verdade, a contradição existente entre a cronologia dos Sinóticos e a do Evangelho de João é apenas aparente e pode ser desfeita mediante uma leitura mais atenciosa do texto joanino.

Em Que Dia Jesus Morreu?

Embora se diga que os judeus não quiseram entrar “no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa”, o texto nada diz quanto ao dia exato em que o cordeiro pascal foi imolado. Além disso, essa afirmação não precisa ser interpretada, necessariamente, como uma indicação de que a ceia pascal ainda não tivesse sido realizada. Ocorre que, na época de Jesus, todo o período dos Pães Asmos já era comumente conhecido como a Festa da “Páscoa”. Exemplo desse uso se observa no Evangelho de Lucas: “**Estava próxima a Festa dos Pães Asmos, chamada Páscoa.**” Lucas 22:1. Os judeus poderiam estar preocupados não com a celebração da ceia pascal, mas com outras refeições cerimoniais que eram realizadas durante aquele período festivo. Outra possibilidade seria a de que os líderes judaicos não teriam celebrado a ceia pascal no tempo determinado pela Lei – que, no caso, teria sido a noite de Quinta-feira – já que estavam empenhados na caçada a Jesus. Por isso, teriam deixado para celebrá-la um dia depois, na noite de 15 para 16 de Nisan. Seja qual for o motivo que determinou o comentário de João, a passagem em análise é insuficiente para destruir a sólida cronologia esboçada em Mateus, Marcos e Lucas.

O mesmo é verdade com respeito a João 19:14, que denomina a Sexta-feira da crucifixão de “preparação da páscoa”. A palavra “preparação” é tradução de παρασκευή (paraskeue), que no grego bíblico é o termo comumente utilizado para denominar a Sexta-feira como dia de preparação para o Sábado. A base dessa expressão se encontra em Êxodo 16:22-30. Portanto, quando João fala do dia da morte de Jesus como a “parasceve da páscoa”, sua intenção era simplesmente de retratar aquele dia como uma Sexta-feira dentro da semana dos Pães Ázimos e não como o dia 14 de Nisan.

Resta analisar ainda o sentido da expressão “Sábado grande” (grego: μεγάλη ἡ ἡμέρα ἐκείνου τοῦ σαββάτου – megale he hemera ekeinou tou sabbatou; tradução: grande o dia daquele Sábado). Afirmar que aquele Sábado foi chamado de “grande” por causa da combinação de um Sábado semanal com um Sábado cerimonial (no caso, o 15 de Nisan) é extrair do texto mais do que ele pode oferecer. A expressão só ocorre uma vez em toda a Bíblia, impedindo, assim, que se verifique seu real significado; e adotar como certa uma posição sem considerar outras possibilidades de interpretação é cometer uma arbitrariedade exegética. Poderia ser o caso, por exemplo, daquele Sábado ser chamado de “grande” por estar inserido na semana da Festa dos Pães Ázimos, sem, contudo, ser uma combinação de um sábado semanal com um Sábado cerimonial. Outra interpretação possível seria a de um Sábado cerimonial (Sexta-feira = 15 de Nisan) seguida por um Sábado semanal. Isso faria com que o período de descanso se prolongasse por 48 horas. No estágio atual, não há como determinar o verdadeiro sentido da expressão joanina.

Em Que Dia Jesus Morreu?

Diante do que foi exposto, seria um contra-senso substituir a clareza e o vigor da cronologia dos Sinóticos pelas expressões incertas e rarefeitas extraídas do Evangelho de João. Como ficou demonstrado, é possível interpretar as declarações joaninas em mais de um sentido, o que não se admite em Mateus, Marcos e Lucas.

- **Conclusão.**

O testemunho bíblico coloca o 15 de Nisan para o dia da morte de Jesus acima de qualquer contestação. Visto que o ano 31 A.D. admite a combinação dessa data com uma Sexta-feira, deve ser considerado o ponto “meio da septuagésima semana”, possibilitando a localização do início e do fim das 2.300 tardes e manhãs. Retornando, a partir desse ponto, 69,5 semanas proféticas, ou 486,5 anos, chega-se ao ano de 457 A.C.. Avançando 2.300 anos, desde essa última data, atinge-se o ano de 1.844 A.D.. Isso confirma a veracidade da profecia bíblica e serve como irrefutável testemunho da realidade do plano de salvação. Que Deus seja louvado pela grandiosidade de Sua revelação e que este estudo possa ser um instrumento “para fortalecer a fé do vacilante e dar a certeza do glorioso futuro” a todo aquele que for atraído pelo incomensurável amor do Salvador.

Fonte: <http://www.concertoeterno.com/>